

## DA LINGÜÍSTICA À POLÍTICA: O GIRO DE MICHAEL WHITE

From linguistic to politics: Michael White's turn.

### HELENA MAFFEI CRUZ

*Socióloga, psicóloga,  
mestre em psicologia  
clínica; sócia fundadora  
e docente do Instituto  
Familiae, SP.*

**RESUMO:** Este artigo apresenta a contribuição original de Michael White para a prática da terapia de indivíduos, famílias e grupos. As principais características dessa contribuição são: uma perspectiva "constitucionalista" da maneira como as pessoas vivem suas vidas e uma análise dos discursos calcada na maneira crítica de Foucault fazer investigação, sintetizada no conceito de problematização. A autora explora essas características como conseqüências do chamado giro lingüístico e apresenta o percurso de Michael White em seu incessante desafio aos discursos dominantes e às imposições identitárias por estes geradas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Michael White; giro lingüístico; problematização.

**ABSTRACT:** Abstract: This article presents Michael White's unique contribution to individual, families and group therapy. The main issues in this contribution are: a "constitutionalist" perspective about the way people live their lives and his discourse analysis based on Foucault's critical investigation method, which can be summarized in the concept of problematization. The author explores these ideas as consequences of what is known by linguistic turn and presents Michael White's texts as a restless challenge to dominant discourses and the identity constraints they impose.

**KEY WORDS:** Michael White; linguistic turn; problematization.

Se pudéssemos imaginar um curso de terapia narrativa ministrado de maneira muito tradicional, que submetesse os alunos a provas "de conhecimento", poderíamos imaginar uma pergunta como esta: "O terapeuta australiano Michael White, falecido no dia 5 de abril de 2008, tornou-se mundialmente conhecido pela criação de:

1. Questionamento circular
2. Prescrições paradóxicas
3. Uso de equipes reflexivas
4. Desenvolvimento da técnica de externalização.

Se um hipotético aluno desse curso assinalasse como resposta a quarta opção, teríamos que considerá-la correta.

Correta, mas pobre. A contribuição original de Michael White para a área da terapia de indivíduos, famílias e grupos é principalmente filosófica, oferecendo a todos nós uma nova sensibilidade às questões do poder/saber e do saber/poder.

Pobre também seria qualquer tentativa de transformar em técnicas de terapia as inúmeras ferramentas conversacionais desenvolvidas por Michael White, a partir das suas construções teóricas sobre a maneira pela qual chegamos a desenvolver um senso de identidade pessoal. Na proposta de White<sup>1</sup>, nossas descrições de "quem sou eu" resultam de processos sociais nos quais demandas específicas sobre nossa identidade, sobre o que podemos ou não expressar,

são reconhecidas ou legitimadas por outros. Por meio desses processos, aprendemos a nos descrever.

Essa compreensão narrativa da constituição do *self* não parte da idéia de que os significados construídos nesses atos de interpretação são invenções aleatórias ou criações de suas mentes, resultantes de uma habilidade singular de apreender o mundo como ele é. Ao contrário, tais significados são determinados pelos recursos interpretativos disponíveis socialmente e, além disso, são negociados nas comunidades de pertencimento, por sua vez, inseridas em outras instituições da cultura.

Essa abordagem, portanto, compreende o significado como uma realização ao mesmo tempo pessoal, relacional e cultural.

Michael White não se denominava construcionista ou construtivista, não se enquadrava em escolas; preferia descrever sua perspectiva de mundo como “constitucionalista”, entendida como anti-essencialista.

*“Desde essa perspectiva, propõe-se que as pessoas têm suas vidas formatadas pelo significado que atribuem às suas experiências, pela sua situação nas estruturas sociais e pelas práticas discursivas e culturais sobre o self e as relações, para as quais suas vidas são recrutadas.”*

A discussão sobre o poder dos especialistas, nos quais se inclui o especialista em psicoterapia, não é nova e, no campo da terapia familiar, inúmeras vezes se fizeram ouvir, desde os anos 80, oferecendo novas descrições para a terapia e, conseqüentemente, novas práticas discursivas. Muitos são os praticantes e divulgadores dessa mudança bastante conhecida, entre os quais se inclui a revista *Nova Perspectiva Sistêmica*.

Neste número, Sheila McNamee<sup>3</sup> apresenta importante discussão, no artigo *Uma exploração socioconstrucionista da especialidade do terapeuta*, sobre “como certos discursos constroem ou potenciam diferentes formas de ação e, conseqüentemente, diferentes realidades. Esse foco na linguagem posiciona o/a terapeuta em uma relação reflexiva com seus próprios atos de fala, convida-o/a a se fazer perguntas como:

De que outras maneiras eu poderia convidar este cliente a criar uma história de transformação?

Como ele/ela está me convidando a legitimar/transformar/desafiar (etc.) sua história?

Que outras vezes eu poderia usar agora?

Que outras vezes ele/ela poderia usar agora?”

Perguntas semelhantes são encontradas nas reflexões de terapeutas que (nomeando-se ou não construcionistas sociais) têm como premissa o poder constitutivo da linguagem na maneira como conduzimos nossas vidas. Levando em consideração essa premissa, escolhi como recorte para essa rememoração do discurso de Michael White sobre o poder não discutir as diferentes nomeações e auto-nomeações de terapeutas construcionistas, pós-modernos ou novo-paradigmáticos, mas focar no denominador comum da *virada lingüística*.

Segundo Rorty<sup>4</sup>, “virada lingüística pode ser entendida como o ponto de vista segundo o qual os problemas filosóficos podem ser resolvidos (ou dissolvidos) reformando, ou melhor, compreendendo a linguagem que usamos no presente”.

Ibáñez Gracia<sup>5</sup> utiliza a expressão *giro lingüístico* para designar “certa

mudança que ocorreu na filosofia e em várias ciências humanas e sociais, e que as estimulou a dar uma atenção maior ao papel desempenhado pela linguagem, tanto nos próprios projetos dessas disciplinas quanto na formação dos fenômenos que elas costumam estudar. [...] No entanto o giro lingüístico teve efeitos e implicações que vão bem mais além do simples aumento da ênfase dada à importância da linguagem. Ele contribuiu para que fossem esboçados novos conceitos sobre a natureza do conhecimento, seja o do senso comum ou o científico, para permitir que surgissem novos significados para o que se costuma entender pelo termo “realidade” – tanto “social” ou “cultural” quanto “natural” ou “física”, e a desenhar novas modalidades de investigação proporcionando outro contexto teórico e outros enfoques metodológicos. Porém, mais do que tudo, o giro lingüístico modificou a própria concepção da natureza da linguagem.”

O giro lingüístico não é um fato, mas um processo que passa pela lógica moderna, tendo deslocado o estudo das idéias realizado por meio da introspecção para o estudo dos enunciados lingüísticos, públicos e objetivos. Ludwig Wittgenstein<sup>6</sup>, outra importante figura ligada a esses estudos, ficou famoso por seu *Tractatus Logico-philosophicus*, em que buscava alcançar uma linguagem ideal que evitasse as imperfeições da linguagem cotidiana. Entretanto, o “giro” que imprimiu a suas investigações foi o responsável por seu lugar de destaque na filosofia da linguagem. Ao renegar as idéias do *Tractatus*, dedicou-se, nas *Investigações Filosóficas*, a compreender a linguagem comum em seus múltiplos usos, cunhando a célebre

expressão *meaning is use\**, preferindo ao estudo abstrato da Linguagem a reflexão sobre os *jogos de linguagem*.

A corrente filosófica centrada na linguagem cotidiana provocou mudança radical na concepção representativa ou designativa de linguagem da modernidade, o que deu lugar a uma nova concepção de conhecimento e a um questionamento dos critérios de verdade e realidade.

Nas palavras de Iniguez<sup>7</sup>, a importância crucial do giro lingüístico abre caminho para duas dimensões fundamentais: 1) a conversão do trabalho da ciência em uma prática social a mais, igual a qualquer outra, isto é, as pessoas que se dedicam a fazer ciência utilizam a linguagem da mesma maneira que as não cientistas; 2) o trabalho anti-representacionista de Rorty, a mais importante fundamentação epistemológica da ciência social crítica.

Outra perspectiva que dá à linguagem o lugar de protagonista nas chamadas ciências sociais é da Escola de Oxford, que apresenta uma vertente também focada na linguagem cotidiana; John Austin<sup>8</sup>, uma de suas vozes expressivas, considera a linguagem em termos de atividade, isto é, “dizer é, também e sempre, fazer”.

Essa compreensão da linguagem como ação permeia as posturas denominadas socioconstrucionistas de Kenneth Gergen<sup>9</sup> ou John Shotter<sup>10</sup>, que problematizam noções de identidade ou *self* vigentes na psicologia. Invertendo a idéia da existência de um *eu* profundo e pessoal, passível de descrição por distintas expressões lingüísticas, os autores propõem que os próprios vocabulários disponíveis, aos quais se recorre para a descrição de si mesmo, constituem essa forma de ser; não a explicitam, ao contrário,

\* O significado está no uso.

conformam-na. Esses vocabulários são necessariamente sociais.

Outros eixos representativos de perspectivas que sustentam a relevância da linguagem criando mundos apontados por Iniguez<sup>7</sup> são: a lingüística pragmática, a etnometodologia e “certos aspectos da obra de Michel Foucault porque permitem compreender a conexão entre as práticas discursivas e a construção e manutenção da estrutura social, ao mesmo tempo em que se envolve de maneira crítica, em uma investigação social cuja marca característica é o questionamento constante.”

No campo da terapia familiar, Michael White desenvolveu, muitas vezes em parceria com seu colega da Nova Zelândia, David Epston<sup>11</sup>, uma sistemática investigação, questionadora do poder discursivo sobre nossas vidas, incluindo o discurso da psicologia moderna sobre um eu autônomo.

De acordo com Foucault<sup>12</sup>, esse discurso estaria intimamente associado com o desenvolvimento de sistemas modernos de controle social, que aloca as pessoas em uma série *contínua* de saúde e de tabelas de desempenho, descrevendo-as como mais próximas ou mais distantes das normas socialmente construídas e desejadas em relação ao indivíduo funcional saudável e íntegro.

Hart<sup>13</sup>, em artigo sobre a terapia narrativa, apresenta uma tabela na qual divide a obra de Michael White em três fases, conforme os campos de idéias dos quais derivaram os vocabulários que ele utilizava criativamente; aplicando uma idéia do próprio autor – que encorajava os terapeutas a considerarem os eventos brilhantes (*sparkling*) de suas práticas, Hart seleciona suas publicações brilhantes.

**Michael White – Narrativas de um terapeuta: da externalização à re-autoria**

Fase	Ano	Carreira das idéias de White	Campo das idéias	Publicações Iluminadoras <i>Sparkling</i>
I	até 1984/ 1986	Explicação negativa Dupla descrição Restrições Externalização do problema Ritos da passagem Contexto social e interacional Amplificação do Desvio <i>Feedback</i>	“cibernética de 1ª ordem” Bateson, terapia familiar estratégica, antropologia, processos rituais Bateson, Wender Haley, van Gennep Turner, V.	(1984), <i>Pseudo-encapsis: da avalanche à vitória, de ciclos viciosos aos ciclos virtuosos</i> . (1986b), <i>Anorexia Nervosa: uma Perspectiva Cibernética</i> . (1986e) <i>Explicação negativa, restrições e dupla descrição: um modelo para a terapia da família</i> . (1986a), <i>O ritual de inclusão: uma abordagem para comportamentos extremamente descontrolados nas crianças e em jovens adolescentes</i> .
II(a)	1987	Re-autoria das vidas Analogia do texto Narrativa dominante Histórias alternativas Poder / Justiça social Discursos disponíveis culturalmente Conversações de externalização	“cibernética de 2ª ordem” Pós-estruturalização Construcionismo Social Antropologia Interpretativa Anderson e Goolishian Myerhoff, B. Bruner, J. Geertz, Gergen, Bruner, E. Turner, V (narrativa) E. Goffman, Foucault	(1987), <i>Terapia familiar e esquizofrenia: aproximando-se de um estilo isolado de ser</i> . (1988a), <i>O processo de questionar: uma terapia de mérito literário?</i> (1988/9), <i>A externalização do problema e re-autoria das vidas e dos relacionamentos</i> . (1989) textos de M. White em D. Epston e White, M., <i>Meios literários para fins terapêuticos, (analogia do texto, histórias dominantes e narrativas alternativas)</i> .

II (b)	1990	Narrativas e Desconstrução Determinação e Indeterminação	Desconstrucionismo Derrida, Ricoeur	(1991), <i>Desconstrução e Terapia</i> .
--------	------	--	-------------------------------------	--

A tabela acima é de 1995. Desde então Michael White desenvolveu novas formas de conversar com seus clientes, mas não mudou sua ênfase na busca de saberes previamente subjugados ou desprezados, que possibilitam o que ele denominava re-autoria da própria vida. A carreira das idéias de White explicita seus diálogos com textos e autores eleitos por trazer algo inovador ao discurso das ciências sociais.

O livro *Meios Narrativos para Fins Terapêuticos*, escrito em parceria com David Epston, em 1989, foi publicado nos Estados Unidos, em 1990. Em 1992, Michael White veio pela primeira vez à América do Sul, para Buenos Aires e, alguns anos depois, para o Brasil, São Paulo. Acredito que a década de 90 marca o encontro dos terapeutas brasileiros com a originalidade e o engajamento na busca de narrativas não saturadas por problemas, em situações usualmente diagnosticadas como graves, como seu trabalho com portadores de esquizofrenia, que ele descrevia como “um estilo de vida escondido”.

No primeiro capítulo do livro, Michael White<sup>14</sup> história a polêmica causada pela abordagem sistêmica da família, especialmente, com as feministas por não discutir, satisfatoriamente, a questão do poder e a sua adoção de elementos da análise do discurso de Foucault, construindo uma contribuição original e ampliadora para a terapia de indivíduos, pessoas e grupos.

A posição de Bateson<sup>15</sup>, de que o conceito de poder é um erro episte-

mológico, não oferecia à prática clínica os meios para lidar com situações de poder e violência. A acusação de que esta postura compactuaria com abusos também não faz avançar o pensamento sobre estas questões. White e Epston ultrapassaram esse impasse se utilizando da noção de Foucault de que poder e conhecimento são inseparáveis e que, portanto, terapeutas não podem negar o fato de que sua atividade é inevitavelmente política.

Michael White relata que foi introduzido ao que nomeia como “método interpretativo” pela obra de Bateson, entendendo por método interpretativo a crença de que, como não podemos conhecer a realidade objetiva, todo conhecimento requer um ato de interpretação. Bateson referia-se à máxima de Korzybski, “O mapa não é o território”<sup>16</sup>, propondo que o sentido que atribuímos a qualquer evento é determinado e restrito pelo contexto em que este ocorre e pela rede de pressupostos que constituem nosso mapa do mundo.

Michael White, retomando a dimensão temporal, outro aspecto apontado como importante e negligenciado em terapias que buscavam padrões regulares nas relações familiares, apóia-se na definição de Bateson: informação é notícia de diferença; o que dispara respostas em organismos vivos é a percepção de diferenças que devem ser codificadas como eventos no tempo para ser percebidas. Escolhe, então, a noção de narrativa no lugar de “mapas familiares” porque a primeira tem a vantagem de incorpo-

rar a dimensão temporal. Narrativas enfatizam ordem e seqüência e isso as torna mais apropriadas para o estudo de mudanças, ciclos de vida, em resumo, qualquer processo de desenvolvimento, do que noções de paradigma, metáforas ou mapas.

Assim a evolução na vida pode ser concebida como leitura e escrita de textos na medida em que toda nova leitura é uma nova interpretação dele e, portanto, uma nova escritura. Contudo, tal leitura e escritura não são compreendidas como um processo de interpretação dos fatos pré-existentes. Na descrição de Michael White, não existem dados brutos e narrativas que dêem conta deles, mas uma maneira de pensar com narrativas que têm começo, meio e fim, que balizam e permitem interpretar nosso presente. E são essas narrativas que estabelecem quais são os dados que contam.

Pensamos com narrativas quer dizer: damos significados a nossas experiências e, ao mesmo tempo, ao mundo, ou seja, não temos conhecimento direto do mundo, o que é uma premissa compartilhada por construtivistas e construcionistas. Para Michael White, o conhecimento da vida se dá através da experiência vivida, que é sempre mais rica que o discurso; narrativas organizam e dão sentido à experiência, mas há sempre sentimentos e experiências que não são completamente contidos pela história dominante. Entretanto, nesta afirmação, "os sentimentos e experiências não contidos na história dominante", não são considerados como algo que existe à espera de ser descoberto, mas novos significados que, através da exploração de novos modos de narração da experiência, oferecem novas histórias mais ricas.

Quais as implicações desses pressupostos para a atividade chamada terapia? Quando Michael White descreve o que é terapia, a possibilidade de surgimento de novas narrativas com novos significados para a experiência se dá através de diálogos que desafiam a narrativa dominante, ou seja, através de práticas discursivas que desafiam discursos dados como verdadeiros.

A proposta é: quando pessoas procuram terapia, um resultado aceitável seria a identificação ou geração de estórias alternativas que permitam a elas a desempenharem novos significados, que sejam vividos como mais úteis satisfatórios ou com saídas melhores.

As ferramentas conversacionais desenvolvidas por Michael White, para essa geração, derivam da concepção e do lugar dos discursos na vida das pessoas, de acordo com Foucault<sup>17</sup>, como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Consequentemente, a análise do discurso é também uma prática que permite desmascarar e identificar outras práticas discursivas.

Para responder às perguntas:

Como se formam estórias dominantes?

Como se percebem estórias dominantes?

Epston e White vão se apoiar nas noções de Foucault sobre poder/saber e saber/poder.

Comumente, pensamos em poder negativa ou positivamente. Negativamente, o poder é visto como repressivo em suas operações e em seus efeitos. Poder desqualifica, limita, nega, restringe; essa descrição está presente em teorias da repressão. Positivamente, o poder é visto como construtor

de pessoas, organizador de vidas; esse discurso sobre o poder se encontra em teorias de hierarquia.

Foucault fala das experiências dos efeitos constitutivos do poder, ou seja, no sentido positivo. Somos formados através de idéias às quais se atribui o *status* de verdade. O principal efeito do poder através da verdade e da verdade através do poder é a especificação de uma forma de individualidade que é, a sua vez, o veículo desse poder.

Esse poder não reprime; submete. A forma mais sutil desse poder é a formada por verdades universais – saberes que reclamam para si valor de verdade universal, como o poder de objetividade das disciplinas científicas modernas.

A concepção de Foucault da inseparabilidade do poder e do saber reflete-se no seu confronto com aqueles que defendem a ascendência de certos saberes sobre outros. Sua análise pode ser sintetizada pelo termo *problematização*.

Problematização é um método de pensamento que põe em dúvida tudo que se apresenta como evidente, bom, inquestionável, indubitável.

Foucault exalta uma qualidade que se tornou uma marca do terapeuta sistêmico pós-giro lingüístico: a *curiosidade*. Em suas palavras:

*“A curiosidade é um vício que foi seguidamente estigmatizado pelo cristianismo, pela filosofia e até mesmo por certa concepção da ciência. Curiosidade, futilidade. No entanto, eu gosto da palavra curiosidade; ela me sugere uma coisa totalmente diferente: evoca o “cuidado”, evoca a solicitude que se tem com aquilo que existe e poderia existir, um sentido aguçado do real, mas que nunca se imobiliza nele, uma disposição para encon-*

*trar o que há de estranho e singular à nossa volta, certa obstinação em desfazer-se de nossas familiaridades e mirar de outra maneira as mesmas coisas, certo ardor para captar o que sucede e o que se passa, uma desenvoltura diante das hierarquias tradicionais entre o importante e o essencial.”*

A problematização não discute a correção dos saberes instituídos, mas pergunta a qualquer saber que se apresenta como evidente, inquestionável:

Quais saberes alternativos esse saber desqualificaria?

Que pessoas ou grupos de pessoas seriam diminuídos através do sucesso desses argumentos como superiores?

A tese de Foucault é de que o isolamento de alguns saberes específicos, do conjunto de saberes descontínuos que circulam ao seu redor investe os primeiros com poder. Esse isolamento é feito pelo desenvolvimento dos discursos da objetividade. Propõe-se a analisar não somente o discurso dominante como os subjugados. Propõe duas classes de discursos subjugados:

1. o discurso erudito prévio escrito, que não se tornou dominante pela revisão da história conseguida através da ascensão de um saber mais global. Esses discursos têm sido soterrados, escondidos e disfarçados em uma coerência funcional de sistematização formal que mascara os efeitos de ruptura do conflito e da luta.
2. discursos locais, nativos, regionais.

Foucault advoga que a crítica dos saberes dominantes só pode ser feita através da re-emergência de discursos locais ou desqualificados em um es-

paço em que eles possam ser experimentados.

A insurreição dos saberes subjugados não é primeiramente contra os conteúdos, os métodos ou os conceitos de uma ciência, mas contra os efeitos do poder centralizador ligado à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado em uma sociedade como a nossa.

Podemos reconhecer, nas práticas discursivas de Michael White, os ecos da análise do discurso foucaultiana.

A exotização do familiar, a busca de exceções, ou relatos únicos, soterrados ou desqualificados pelo relato dominante, o uso de testemunhas, criando uma comunidade lingüística que constitui a semente de um espaço que experimenta outras práticas discursivas, e a escritura de cartas, que dá vida longa àquelas breves narrativas que contrariam a história dominante.

Aceitando as idéias de Foucault, tomamos consciência da inserção do discurso e da prática terapêuticos no lugar dos discursos de verdade que propõem e relatam a objetividade na condição humana.

E se é o isolamento desses saberes, dos saberes em geral, e a hierarquização desses saberes que lhes conferem poderes diferenciais, desafiar o cientificismo nas ciências humanas torna-se uma tarefa libertadora.

Não podemos nos esquivar de nossa situação de poder e, portanto, temos que buscar estabelecer condições que encorajem a crítica de nossas práticas.

Temos que assumir que há sempre uma possibilidade de sermos agentes de controle social. Estamos inevitavelmente mergulhados em uma atividade política, não no sentido de

propor uma ideologia alternativa mas no sentido de desafiar as técnicas que subjugam pessoas a uma ideologia dominante.

As práticas de terapia narrativa desenvolvidas por Michael White não sugerem um terapeuta salvador, que vai liberar seus clientes oprimidos das garras dos discursos e das ações opressores, mas, através da problematização da inevitabilidade dos modos de vida geradores de sofrimento, convida-os a não só construir a história de como o problema tem afetado suas vidas e relações mas também a pesquisarem as influências – tanto as suas como aquelas das relações significativas no que ele nomeava como “carreira do problema”.

A infância é o reino dos seres mais discursados em nossa cultura. Entre os inúmeros legados de Michael White, sua recusa em aceitar como verdadeiros os discursos sobre crianças problemáticas criou uma metodologia de objetivação do problema, em um processo no qual o feitiço da objetificação de crianças através de discursos de verdade da psicologia se volta contra o feiticeiro, objetivando, por sua vez, o problema, tornando-o um objeto lúdico, manuseável, que pode ser visto de frente, do qual se pode desvencilhar, oferecendo, em suas palavras, “histórias preferíveis”.

Àqueles jovens terapeutas que não mais ouvirão a voz de Michael White ficam seus escritos de grande valia e àqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo repito o convite que ele fez no final de seu livro *Narrativas de vida de terapeutas*<sup>18</sup>:

*“Ao completar esse livro, encontro-me pensando em você, leitor. Tenho curiosidade em saber a história do seu interes-*



se por este livro. Fico imaginando com quais das idéias e práticas expressas neste texto você se conectou mais fortemente. Estou interessado em saber como essas idéias e práticas conversam com seus valores mais caros e suas maneiras de estar no trabalho com as pessoas que o/a consultam, e com sua vida, em geral. Desejo saber sobre suas experiências de vida que clarificaram para você o que é importante em relação a esses valores e modos de estar no mundo. Fico mesmo imaginando sobre o que eu estaria levando para você, se nós estivéssemos tendo essa conversação... Mas isto já é uma outra história.”

Você quer me contar?  
helenamcruz@uol.com.br

## REFERÊNCIAS

- 1 **WHITE, M.** *Reflections on narrative practice: essays and interviews*. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 2000.
- 2 **WHITE, M.** *Deconstruction and therapy*. Adelaide: Dulwich Centre Newsletter, 1991, n. 3. p.21-40, p.27.
- 3 **MCHAMEE, S.** *Um estudo socioconstrucionista da expertise terapêutica*. Nova Perspectiva Sistêmica, v. 31, jul. 2008. p.34-43.
- 4 **RORTY, R.** *El giro lingüístico*. Barcelona: Paidós, 1990.
- 5 **IBAÑEZ GRACIA, T.** O giro lingüístico. In: INIGUEZ, L. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Trad. Vera Lúcia Joscelyne. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- 6 **WITTGENSTEIN, L.** 2ª Ed. *Investigações filosóficas*. Trad. Marcos Montagnoli. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- 7 **INIGUEZ, L.** *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Trad. Vera Lúcia Joscelyne. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p.51.
- 8 **AUSTIN, J. L.** *Como hacer cosas con palabras*. Barcelona: Paidós, 1962.
- 9 **GERGEN K. J.** *Realidades e relaciones: aproximaciones a la construcción social*. Trad. Ferran Meler Orti. Buenos Aires: Paidós, 1996.
- 10 **SHOTTER J.** *Realidades conversacionales la construcción e la vida a través del language*. Trad. Eduardo Sinnott. Buenos Aires: Amorrortu, 2001
- 11 **WHITE, M.; EPSTON, D.** *Narrative means to therapeutic ends*. New York: Norton, 1990.
- 12 **FOUCAULT, M.** *Las palabras y las cosas*. Madri: Siglo XXI, 1966.
- 13 **HART, B.** Disponível em <http://home.iprolink.co.nz/~bruceh/article.html>
- 14 **WHITE, M.** Story, knowledge, and power. p.1-37 In: *Narrative means to therapeutic ends*. New York: Norton, 1990.
- 15 **BATESON G.** *Pasos hacia una ecología de la mente*. Trad. Ramón Alcade. Argentina: Carlos Lohlé, 1991.
- 16 **BATESON G.** *Pasos hacia una ecología de la mente*. Trad. Ramón Alcade. Argentina: Carlos Lohlé, 1991.p.479
- 17 **FOUCAULT M.** *Estética, ética y hermenéutica*. Barcelona. Paidós, 1994, p.222
- 18 **WHITE, M.** *Narratives of therapists' lives*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.1997. p.238.